

LUCIANA GARCIA DE LIMA



A NEGAÇÃO DA INFÂNCIA

Mogi das Cruzes

2006

LUCIANA GARCIA DE LIMA

A NEGAÇÃO DA INFÂNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação, da Universidade Braz Cubas, para a obtenção do título de Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação.

Área de concentração: Semiótica na Educação.
Orientador: Profa. Dra. Rosemary Roggero

MOGI DAS CRUZES

2006

AUTORIZO A REPRODUÇÃO OU DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Lima, Luciana Garcia de

A negação da infância / Lima, Luciana Garcia de. Mogi das Cruzes: UBC, 2006. 172f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Braz Cubas.

Programa de Pós-graduação em Semiótica,
Tecnologias da Informação e Educação. Mogi das Cruzes –
SP.

Orientador: Profa. Dra. Rosemary Roggero

1. Pós-modernidade. 2. Negação da infância. 3. Histórias de
vida

*Ao meu marido, Duda e aos meus
filhos, Bruno e Vitor, por caminharem sempre ao meu lado.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, porque se hoje percorro este caminho é porque Ele o trilhou para mim.

À Vida que me é tão boa.

Ao PJ, pelas inspirações.

Ao meu marido, Duda, pelo apoio e incentivo constantes.

Aos meus filhos, Bruno e Vitor, que sempre me acompanham com dedicação e carinho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rose Roggero, por compartilhar comigo, com entusiasmo, seu saber, sua experiência e as várias horas dedicadas à produção desta pesquisa, estando sempre presente neste caminhar, se colocando ao meu lado nos momentos mais difíceis.

À Capes, pelo apoio financeiro.

À Augusta, Paula, Michelle, Inaldo, Adriane, Cláudio, Patrícia, Sandro, Tereza, Renato, Maria Inês, Cida que, generosamente, narraram suas histórias e me cederam os direitos de utilização delas para os fins desta pesquisa.

Às Profa. Dra. Marisa Del Cioppo Elias, Profa. Dra. Emilia Cipriano Sanchez e Profa. Dra. Sonia Alvarez pelas precisas e valiosas contribuições oferecidas na ocasião do exame de qualificação.

Aos meus amigos Roberto, Eneida, Rita, Suami, Kellen, Fernando e Ubajara pela constante disponibilidade e amizade.

Aos meus pais, Renato e Eliane, que me acompanham sempre com dedicação, carinho e esforços e se preocupam com as minhas vitórias, que na verdade são deles.

Aos meus avós Tereza e Alcides (*in memorian*), Julia e Renê (*in memorian*), aos meus tios Eneida, Walter, Sérgio, Angeli, Cuca e Wanda (*in memorian*), aos meus primos Waltinho, Renan, Laura e Athos e aos meus irmãos Rafael e Paula por fazerem a minha infância e a minha vida tão boas.

“Dia a dia, nega-se às crianças o direito de ser crianças.

*Os fatos que zombam desse direito, ostentam
seus ensinamentos na vida cotidiana.*

*O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro,
para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua.*

*O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo,
para que se transformem em lixo.*

*E os do meio, que não são nem pobres nem ricos,
conserva-os atados à mesa do televisor,
para que aceitem desde cedo,
como destino, a vida prisioneira.*

*Muita magia e muita sorte têm as crianças
Que conseguem ser crianças”.*

(Eduardo Galeano)

RESUMO

LIMA, L.G. A negação da Infância. 2006. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação, Universidade Braz Cubas, Mogi das Cruzes, SP, 2006.

Considerando o conceito de infância como sendo em parte socialmente produzido, variando, portanto, no tempo e espaço, procuramos investigar o surgimento deste e sua transformação ao longo da história para que possamos compreender as influências da sociedade atual, denominada pós-moderna, neste período da vida. Assim examinada, a noção de infância passa a ser o ponto de partida da elaboração de um pensamento crítico de contornos contemporâneos. Conhecer como a sociedade pós-moderna delinea a infância ajuda a melhor compreender a própria criança e as expectativas dos adultos em relação a ela, que às vezes impõem modelos e situações contraditórias. O presente estudo visa, por meio das narrativas das histórias de vida de pais, avós e professores acerca da infância, buscar compreender os elementos que contribuem para a negação da infância na sociedade pós-moderna e de que forma essa negação pode repercutir no desenvolvimento posterior do sujeito, pois partimos da hipótese de que ao não vivenciar plenamente a infância, o indivíduo, quando adulto, tende a, inconscientemente, voltar a essa fase em busca de algo perdido, tornando-se, muitas vezes, um adulto infantilizado. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como referenciais teóricos historiadores europeus e brasileiros que tratam da história da infância, autores clássicos das ciências psicológicas do século XX (psicanalistas, behavioristas e a abordagem psicogenética), além de autores que descrevem e analisam a sociedade atual a partir de uma abordagem crítica da sociedade.

Palavras-chave: Negação da infância, Pós-modernidade, Histórias de vida.

ABSTRACT

Considering the concept of childhood as being in part socially produced, diverging, therefore, on time and space, we have investigated the emergence of childhood and its transformation during the history in order to understand the influences of the nowadays society, called post modernity, in this phase of life. Examined in this manner, the concept of childhood has passed to be the departure of the construction of a critical idea with contemporary profile. Knowing the way that post modernity society shapes the childhood helps to understand better the child and the adults' expectations related to it that, sometimes, imposes contradictories models and situations. The aim of this research is to understand the elements that contribute to the denial of childhood, through the narratives of life's histories of parents, grandparents and teachers about childhood in post modernity society and how this denial can reverberate in the future development of the individual. Since we part from the supposition that when the person do not live completely its childhood, when it becomes an adult, is able to, unconsciously, come back to this phase to look for something lost, acting, some times, as an infantilized adult. To elaborate this research, we used, like a theoretical references, Europeans and Brazilians historians that dealt with childhood history, classics authors of the psychological sciences of the XX century (psychoanalysts, behaviorists and psychogenetic approach), besides authors that describes and analyses the nowadays society through the critical approach of the society.

Keywords: Denial of childhood, post modernity, Life's histories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. HISTÓRIA DA INFÂNCIA	05
1.1. O QUE É A INFÂNCIA.....	05
1.2. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA NA EUROPA.....	05
1.2.1. Política	08
1.2.2. Sociedade	08
1.2.3. Economia	09
1.2.4. Religião	09
1.2.5. Educação	09
1.2.6. Arte	10
1.2.7. Cultura	10
1.2.8. Ciência	12
1.2.9. Infância	12
1.3. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA DA MODERNIDADE NA EUROPA.....	15
1.3.1. Política	15
1.3.2. Sociedade	16
1.3.3. Economia	16
1.3.4. Religião	17
1.3.5. Educação	17
1.3.6. Arte	20
1.3.7. Cultura	21
1.3.8. Ciência	24
1.3.9. Infância	25
1.3.10. Revolução Industrial	26
1.4. CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA NO BRASIL.....	28
1.4.1. Primeira fase	28

1.4.2. Segunda fase.....	31
1.4.3. Terceira fase.....	34
2. CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DAS ABORDAGENS PSICOLÓGICAS SOBRE A INFÂNCIA.....	38
2.1. CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE.....	40
2.2. A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA SEGUNDO O BEHAVIORISMO.....	54
2.3. ABORDAGENS PSICOGENÉTICAS E O CONCEITO DE INFÂNCIA.....	55
3. A CONTEMPORANEIDADE E A INFÂNCIA.....	64
3.1. A CONTEMPORANEIDADE.....	66
3.2. A TELEVISÃO OU “O MEIO QUE ESCANCARA TUDO”.....	69
3.3. VIDEOGAMES.....	74
3.4. A FAMÍLIA PÓS-MODERNA.....	75
3.5. A ESCOLA PÓS-MODERNA.....	76
3.6. A NEGAÇÃO DA INFÂNCIA.....	83
3.7. EXPLORANDO AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DA NEGAÇÃO DA INFÂNCIA.....	88
4. HISTÓRIAS DE VIDA TEMÁTICA: A INFÂNCIA.....	93
4.1. O MÉTODO.....	93
4.2. O ENCONTRO COM A INFÂNCIA.....	98
4.2.1. O discurso das professoras.....	98
4.2.2. O discurso das mães.....	111
4.2.3. O discurso dos pais.....	119
4.2.4. O discurso dos avôs.....	129
4.2.5. O discurso das avós.....	131
4.3. INFÂNCIA: EXPERIÊNCIAS E SENTIDOS.....	136
4.3.1. O conceito.....	136
4.3.2. O foco.....	137
4.3.3. A experiência.....	139

4.3.4. O exemplo.....	141
4.3.5. A informação.....	144
4.3.6. A escola.....	146
4.3.7. O especialista.....	149
4.3.8. A expectativa.....	150
4.3.9. O recurso.....	151
4.3.10. A comparação.....	153
4.3.11. A liberdade.....	154
4.3.12. A negação.....	155
4.3.13. O gênero.....	157
4.3.14. A consequência.....	157
4.3.15. A solução.....	160
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	169

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – “O nascimento de Vênus”.....	10
Figura 2 – “Lê Peintre Jean-Baptiste et as fille”.....	11
Figura 3 – “Portrait of a boy holding a rose”.....	11
Figura 4 – Boneca alemã.....	12
Figura 5 – Meninas francesas da classe alta.....	13
Figura 6 – Menino operário em Petrópolis.....	14
Figura 7 – “The painter’s daughters with a cat”.....	14
Figura 8 – Palmatória.....	19
Figura 9 – “En classe, el travail des petits”.....	20
Figura 10 – “A la barrière de Dalby”.....	21
Figura 11 – Meninos da puerícia.....	22
Figura 12 – Modelo de vida sexual.....	23
Figura 13 – Jesuítas.....	23



“Meu Deus, me dá cinco anos, me dá a mão, me cura de ser grande”
(Adélia Prado)

INTRODUÇÃO

A maneira como se desenvolve o conceito de infância pode constituir uma excelente projeção do sistema de valores e de aspirações de uma sociedade. Esta constatação pode ser atribuída a qualquer conceito existente, porém o conceito de infância possui a particularidade de se referir não apenas a algo externo, mas ao passado de cada um, ao mesmo tempo, que ao futuro de cada grupo humano.

O conceito estudado nesta pesquisa é recente, surgiu com a filosofia idealista alemã apenas no final do século XVII, ao mesmo tempo em que surgiu o conceito de indivíduo e que as ciências começaram a se desenvolver.

Considerando o conceito de infância como sendo em parte socialmente produzido, variando, portanto, no tempo e espaço, procuramos investigar o surgimento deste e sua transformação ao longo da história para que possamos compreender as influências da sociedade atual, denominada pós-moderna, neste período da vida.

Assim, o presente estudo tem como objetivo compreender os elementos que contribuem para a negação da infância na sociedade pós-moderna e de que forma essa negação pode repercutir no desenvolvimento posterior do sujeito.

Tais perguntas nos remetem às hipóteses de que a sociedade pós-moderna, ao *adultizar* as crianças, colabora para o encurtamento da infância e, conseqüentemente, para seu desaparecimento. Além disso, ao deixar de vivenciar a infância plenamente, as crianças (pseudo) amadurecem mais rápido, mas tornam-se adultos que tendem a, inconscientemente, voltar a essas fases na tentativa de recuperar algo perdido, tornando-se, muitas vezes, adultos infantilizados.

O interesse em realizar um estudo sobre a infância está ligado à assistência psicológica em âmbito clínico e institucional, realizada ao longo da carreira profissional

da pesquisadora, em especial, em consultório particular. A partir dos sete anos de experiência em clínica infantil e adulta, surgiu nosso interesse por este tipo de pesquisa, a fim de melhor compreender como as mudanças sociais vêm interferindo na infância neste início de século XXI.

Além disso, observamos as crescentes queixas, principalmente entre jovens e crianças, do que viremos a chamar no interior desta pesquisa de *sintomas fashion*, com encaminhamentos realizados, especialmente, pelas escolas. Outro dado que nos chama a atenção é que a idade com que essas crianças chegam ao consultório em busca de ajuda está diminuindo significativamente. Crianças de 3 / 4 anos sofrem de males atribuídos, até pouco tempo atrás, somente aos adultos.

Para a realização desta pesquisa, contemplamos a abordagem das Histórias de Vida narradas por pais, professores e avós acerca da infância com a finalidade de compreender que elementos da sociedade pós-moderna influenciam ou contribuem para a negação da infância. Assim examinada, a noção de infância passa a ser o ponto de partida da elaboração de um pensamento crítico com contornos contemporâneos.

Além disso, essa abordagem pode atuar como um meio de promover a reflexão dos cuidadores, profissionais e estudiosos da infância a fim de modificar o tratamento que dispõem às crianças e promover a emancipação destas, assim como de refletir sobre seu próprio processo individual.

Para desenvolver esse pensamento, a presente pesquisa está estruturada em quatro capítulos:

No capítulo primeiro, *A História da Infância*, apresentamos o contexto histórico em que o conceito de infância surgiu, e como se deu seu desenvolvimento até os dias de hoje, para introduzir a nossa discussão acerca da infância atual. Para isso, o recorte proposto é da Europa Ocidental, onde surgiu o conceito, visto que essa cultura exerceu maior influência na constituição da nossa cultura e, então, há a exploração do contexto da infância brasileira. Os autores que embasaram essa descrição foram, principalmente: Ariès (1981), Costa (2004), Del Priore (2002) e Basílio (2003).

No capítulo II, *Contribuições e Limites das abordagens psicológicas sobre a infância*, apresentamos a concepção de infância para autores clássicos das abordagens psicológicas do século XIX e XX. Entre eles, encontram-se: Freud (1987), Klein (1997),

Lacan (1998) e Winnicott (1975, 1983 e 1996) da abordagem psicanalítica; Skinner (*apud Bock, Furtado e Teixeira, 1993*), representando o Behaviorismo; e Piaget (1964), Vigotsky (1999) e Wallon (1973, 2005) com suas teorias psicogenéticas.

O capítulo III, *A contemporaneidade e a infância*, apresenta a fundamentação teórica do que permite compreender as características da chamada pós-modernidade e como se desenvolve a infância neste contexto. Para isso, os principais autores utilizados foram: Sarlo (2004), Dufour (2005) e Postmam (1999), que são autores contemporâneos e estão colocados em diálogo com Adorno (2003 e 2006), que, em meados do século XX, já discutia a negação da subjetividade humana.

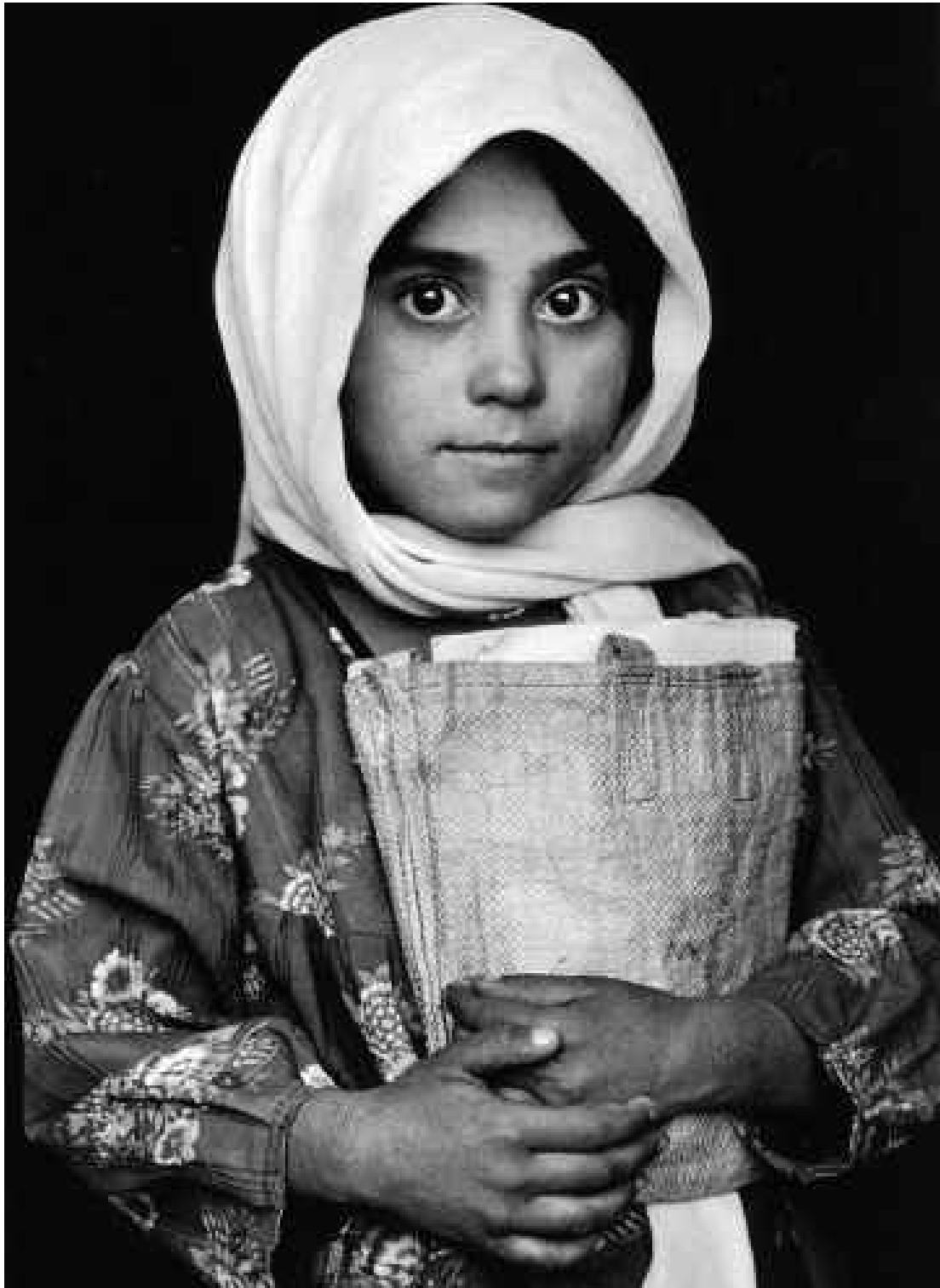
O capítulo IV, *Histórias de Vida: Infância*, está dividido em três seções:

A primeira seção, *O Método*, apresenta a fundamentação teórica da abordagem por nós utilizada - abordagem das Histórias de Vida Temática - a partir das obras de Bom Meihy (2003), Josso (2004) e Roggero (2001).

Na seção seguinte, *Um encontro com a infância*, encontramos a representação da infância no momento atual e o encontro com o passado de cada um dos entrevistados.

Na seção final, *Infância: experiências e sentidos*, há a análise dos aspectos trazidos pelos entrevistados acerca de como percebem a própria infância e a infância atual, com base nos elementos teóricos trazidos anteriormente.

As Considerações Finais encerram uma síntese dos resultados da pesquisa que pretende responder ao problema levantado e que deu início a este estudo, apontando não um caminho a ser percorrido no sentido contrário à negação, mas buscando uma compreensão do porque isto está acontecendo com o intuito de fomentar a busca por caminhos que levam à emancipação da infância.



“ Se não vejo na criança, uma criança, é porque alguém a violentou antes; e o que vejo é o que sobrou de tudo o que lhe foi tirado”.

(Herbet de Souza – Betinho)

HISTÓRIA DA INFÂNCIA

A infância é um conceito recente, se tomarmos a história desde a antiguidade, que só começou a existir a partir do final do século XVII, quando surgiu também o conceito de indivíduo.

O presente capítulo tem o objetivo de recuperar o surgimento do conceito de infância na história para compreendermos sua negação na atualidade, um momento a que alguns autores (Harvey, Postman, Sarlo, Dufour) descrevem como pós-modernidade¹. A educação permeia todo o processo, já que é responsável pelo surgimento da infância.

Para isso, o recorte proposto é da Europa Ocidental, visto que essa cultura exerceu maior influência na nossa sociedade e, então, o recorte da infância brasileira. Em primeiro lugar, torna-se necessário distinguir dois conceitos que podem ser facilmente confundidos: criança e infância.

1.1. O QUE É A INFÂNCIA?

O termo criança se refere a uma fase biológica da vida humana ou, ainda, segundo o Dicionário Aurélio, a uma pessoa ingênua. De acordo com Friedmann (2005), criança é o indivíduo na infância, criação.

No século XIX, como nos explica Leite (2003), o termo criança, por definição, era dado aos menores criados pelas famílias que lhe deram origem. Eram chamadas de “crias” da casa e a responsabilidade de sua criação era da família consanguínea ou da vizinhança, mas nem sempre essa responsabilidade era total ou parcialmente assumida.

¹ Não existe um consenso quanto à denominação do momento contemporâneo. Alguns autores afirmam que nada do que é pós é permanente, mas, também, não é mais aquilo que era antes. Estamos numa sociedade que não tem mais as características da sociedade moderna, mas ainda não é outro modelo, e sim uma transição que se caracteriza pela efemeridade, pela colagem, pela mistura entre o velho e o novo. Como não há um consenso entre os autores sobre o uso desse termo para descrever o momento atual, adotamos a nomenclatura pós-modernidade, utilizadas também por Dufour, Postman e Sarlo e que será estudada no capítulo III com maior detalhamento.

Já infância, de acordo com o Dicionário Aurélio, é um período de crescimento do ser humano, que corresponde à fase entre o nascimento e a adolescência.

Etimologicamente, os termos *infante*, *infância* e demais cognatos, em sua origem latina e nas línguas daí derivadas, como relata Lajolo (2003: 229), “recobrem um campo semântico estreitamente ligado à idéia de ausência de fala”, aquele que não fala no sentido de não ter importância.

Segundo Ramos (2002), as crianças eram tidas, no século XVI, como meros “instrumentos vocais”, ou seja, instrumentos de trabalho capazes de falar. E ainda pior, como animais cuja força de trabalho deveria ser aproveitada enquanto durassem suas curtas vidas, uma vez que a mortalidade infantil era muito alta. Para Ariès (1981), a comparação da criança a um pequeno animal se dá pela maneira como era cuidada no primeiro ano de vida, ou enquanto era uma “coisa engraçadinha”.

Se pensarmos na criança como sendo o passado de cada um de nós, adultos, não estamos falando apenas da infância, mas do passado do homem, que se repete e recupera em cada novo nascimento.

Demartini (2001), argumenta que não se pode falar de uma única infância, pois existem várias: famílias ricas, fazendeiros, funcionários, profissionais liberais, comerciantes, imigrantes, operários, trabalhadores rurais, negros, caboclos, entre outros. Essas diferentes origens remetem a aspectos muito diferentes da infância, principalmente no tocante à educação. Porém, a presente pesquisa tem a finalidade de abordar a infância no geral, sem levar em conta essas diversidades.

Para compreendermos como a concepção de infância foi se transformando, vamos acompanhar alguns aspectos relacionados a como esta era tratada desde a Idade Média. Não temos, aqui, a pretensão de esgotar o assunto, apenas de apresentar um recorte histórico sobre o desenvolvimento do conceito de infância.

O presente capítulo visa trazer à tona o contexto histórico das transformações que fizeram surgir o conceito de infância, até o momento em que se torna possível observar a sua negação.

1.2. CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA IDADE MÉDIA NA EUROPA

A Idade Média² é considerada uma época obscurantista e decadente, porém necessária para preparar o caminho para a modernidade. A progressiva conversão dos bárbaros ao cristianismo fez da Igreja Católica a instituição mais importante desta época. A cultura, a arte, a ciência e as letras eram patrimônio eclesiástico.

Esse período iniciou, na Europa, com as invasões bárbaras, no século V, sobre o Império Romano do Ocidente. Estendendo-se até o século XV, com a retomada comercial e o renascimento urbano.

1.2.1. POLÍTICA

Nessa época, prevalecem as relações de vassalagem e suserania. Ou seja, os suseranos eram os donos de terras e davam um lote aos vassalos em troca de fidelidade e trabalho. Em troca os vassalos recebiam proteção e um lugar no sistema de produção.

Os poderes jurídico, econômico e político encontravam-se nas mãos dos senhores feudais (suseranos). O rei era o suserano mais poderoso e sua estratégia de poder era a punição.

1.2.2. SOCIEDADE

A sociedade era estática (com pouca mobilidade social) e hierarquizada. A nobreza (senhores feudais, cavaleiros, condes, duques) era detentora de terras e arrecadava impostos dos camponeses. O clero (membros da Igreja Católica) tinha grande poder, sendo responsáveis pela produção espiritual da sociedade. Estes eram

² Como o objetivo do capítulo é tratar da infância, entender o surgimento da infância, entendemos que trazer o cenário histórico (político, econômico, social, entre outros) daquele momento é significativo para compreender em que momento, de que maneira surge esse conceito. Desta forma, não estamos utilizando-nos de autores que tratam dessa história, porque não se trata de um trabalho histórico, sendo que fomos buscar fontes que auxiliassem a situar os principais elementos desses momentos históricos. Todas as características dos períodos históricos (Idade Média, Moderna e Contemporânea) apontadas no presente capítulo, estão fundamentadas nas seguintes fontes dos seguintes sites: <www.miniweb.com.br>, <www.scielo.br>, <www.suapesquisa.com.br>, <www.suigeneris.pro.br>, <www.numismatike.com.br>.

isentos de impostos e arrecadavam o dízimo. A camada mais baixa da sociedade era formada pelos camponeses e pequenos artesãos, que pagavam os impostos e, com isso, sustentavam o topo da pirâmide social.

1.2.3. ECONOMIA

O feudo era a base econômica deste período, pois quem tinha mais terras, tinha maior poder. O artesanato também era praticado, mas a produção era muito baixa devido às técnicas rudimentares, por isso a economia era baseada, principalmente, na agricultura. As trocas de mercadorias e produtos eram a base da economia.

1.2.4. RELIGIÃO

A Igreja Católica dominava o cenário religioso. Influenciava o modo de pensar e se comportar. Possuía, também, grande poder econômico, já que era dona de muitas terras.

1.2.5. EDUCAÇÃO

A educação era para poucos, pois só os filhos da nobreza estudavam. Esta era marcada pela influência da Igreja, ensinando o latim, doutrinas religiosas e táticas de guerras. Segundo Ariès (1981), crianças e jovens eram misturados sob um clima de bastante liberdade. A maioria da população era analfabeta e não tinha acesso aos livros.

As demais crianças, quando não morriam antes de completar a idade de sete anos, iam viver em outra casa que não a da sua família. Segundo Ariès (1981), a criança aprendia ajudando os outros adultos a fazerem as coisas.

A transmissão de valores e conhecimentos não era, portanto, garantida e nem controlada pela família. Era fora da família, também, que as trocas afetivas e comunicações sociais eram realizadas. Não havia ainda o sentimento de infância.